

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gustavo dos Santos Laureano

**VICTOR HUGO E A FILOSOFIA DO ROMANTISMO: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DE OS  
MISERÁVEIS.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Humberto Schubert Coelho

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **GUSTAVO DOS SANTOS LAUREANO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202272023A** declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **VICTOR HUGO E A FILOSOFIA DO ROMANTISMO: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DE “OS MISERÁVEIS”**, desenvolvido durante o período de 14/04/2025 a 14/0178/2025 sob a orientação de Humberto Schubert Coelho, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 15 de agosto de 2025.

---

**GUSTAVO DOS SANTOS LAUREANO**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

Dedico este trabalho aos meus pais,  
tias, amigos e professores que me  
ajudaram nessa jornada.

*Derrubemos a golpes de martelo as teorias, as poéticas e os sistemas. Atiremos por terra o velho revestimento de estuque que mascara a fachada da arte. (VICTOR HUGO)*

# VICTOR HUGO E A FILOSOFIA DO ROMANTISMO: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DE OS MISERÁVEIS

Gustavo dos Santos Laureano

## RESUMO

Este trabalho analisa a obra *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, à luz do Romantismo francês e de suas implicações filosóficas, morais e históricas. Inicialmente, apresenta-se a gênese do movimento romântico na Alemanha, com destaque para Goethe e o Sturm und Drang, e sua posterior influência sobre o romantismo francês, representado por Madame de Staël e Chateaubriand. A partir dessa base, o estudo concentra-se na figura de Victor Hugo, autor que sintetiza as aspirações sociais, estéticas e filosóficas do século XIX. Através da análise do romance *Os Miseráveis*, evidenciam-se questões como a justiça moral contra a justiça legal, a transformação do sujeito, e o papel do povo em uma sociedade desigual. A trajetória de Jean Valjean é interpretada como uma jornada de redenção que contrapõe a rigidez paradigmática das instituições e da perversão da moralidade à força da compaixão e da liberdade. A presença das digressões históricas, como a Batalha de Waterloo e as barricadas de 1832, confirma o vínculo entre a narrativa e os conflitos políticos da França. Conclui-se que *Os Miseráveis* representa uma das manifestações mais maduras do romantismo francês, reunindo aspectos literários, sociais e filosóficos de forma singular e atemporal.

**Palavras-chave:** Victor Hugo. Romantismo. Os Miseráveis. Goethe. História.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a obra *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, sob a perspectiva filosófica e histórica, evidenciando sua inserção no contexto do Romantismo francês do século XIX. Inicialmente influenciado profundamente pela tradição romântica alemã, sobretudo por autores como Goethe com sua obra *Os sofrimentos do jovem Werther* e o movimento Sturm und Drang, o romantismo francês encontrou expressão própria ao se vincular às tensões sociais e políticas vividas pelo país. Victor Hugo, nesse cenário, destaca-se como figura central, tanto na literatura quanto no debate político e social de sua época. Ao longo deste estudo, discutiremos a formação do romantismo, suas influências filosóficas e sua manifestação na literatura francesa, culminando na análise de *Os Miseráveis* como uma obra que transcende o gênero literário, tornando-se um manifesto moral, social e existencial.

## 2. GOETHE E STURM UND DRANG: A GÊNESE DO ROMANTISMO.

É essencial para a análise do Romantismo situá-lo historicamente, a fim de compreender o contexto em que nasceu e se desenvolveu. Na Alemanha, iniciou-se o movimento que colocou no centro o humano sob uma perspectiva poética, sentimentalista e mística, transformando a ótica filosófica e literária global. “Foi o caso da corte de Weimar, minúsculo ducado que mudou a cultura mundial graças à liderança de Anna Amalia von Braunschweig-Wolfenbüttel (1739-1807), então arquiduquesa de Sachsen-Weimar-Eisenach” (Coelho, 2024, p. 119). Aqui está, decerto, o núcleo onde começou a se firmar o movimento pré-romântico como corrente de pensamento artístico, no qual a racionalização sistêmica e mecanicista deixou de ser a principal ferramenta para entender o mundo - característica do período iluminista - , colocando em confronto a racionalidade humana e o sentimentalismo.

A relação Weimar-Jena foi fundamental para a gênese e consolidação do movimento. O poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe foi indubitavelmente seu pilar central, transformando não apenas a cultura alemã, mas a mundial. Escolhido para um cargo político em Weimar, Goethe pôde transformar culturalmente a região, fomentando a arte e a ciência, além de ajudar a consolidar a Universidade de Jena, berço de grandes autores que revolucionaram a história da arte, a filosofia e a espiritualidade. “Foi sob a influência, ora mais ora menos direta, de Goethe que a Universidade de Jena se tornou a vitrine intelectual da Alemanha, concentrando em sua pequena, e até então apagada estrutura, os maiores nomes da época, como Reinhold, Schiller, Fichte, Schelling, Hegel e Schlegel” (Coelho, 2024, p. 119).

O Romantismo deve a Goethe uma enorme dívida, sendo o poeta definitivamente um de seus fundadores centrais. Embora posteriormente o tenha renegado, seu legado serviu de base para que em Jena Romantismo ampliasse seus horizontes, influenciando decisivamente a forma transcendente e conceitual do movimento que surgia na Alemanha ao final do século XVIII, entrelaçado diretamente ao idealismo alemão. Goethe foi responsável não apenas pelo engrandecimento e notoriedade de Jena, mas também pela consolidação de seu núcleo cultural artístico-filosófico. Sob a influência de seus precursores, a cidade tornou-se um dos centros mais plenamente voltados ao ideal humano, representando o oposto da lógica racionalista que orientava os principais polos do Iluminismo italiano. Nesse sentido, Jena mostrou-se “mais humana” por priorizar, como virtudes fundamentais, o sentimento, a interioridade, a idealização da natureza e a espiritualidade que, aos moldes do contexto dos pensadores são concepções essenciais para a vida, cujas produções artísticas e filosóficas legitimam e refletem diretamente essa exaltação do ser.

Para compreender o brilhantismo artístico de Goethe, é necessário contextualizá-lo como uma mente singular em seu tempo, complexa de classificar. Reconhecido tanto como artista excepcional quanto como cientista competente, Goethe possuía um espírito criativo e desbravador que buscava compreender o mundo por uma ótica única, fundamental para apreciar seus esforços e avanços. Nunca separou sua prática científica de sua produção artística, e seu espírito naturalista como cientista manifesta-se claramente em seu gênio artístico.

Wieland e outros artistas, pensadores e cientistas falaram de Goethe com uma reverência que pareceria exagerada para qualquer um não familiarizado com a biografia do homenageado. Não poucos, na época ou depois, considerariam Goethe “o homem completo”, ou “o mais humano dos homens.” Escritores de poucos amigos, como Nietzsche, que não pouparam praticamente ninguém, costumam ter apenas palavras gentis e lisonjeiras para descrever o bardo alemão (Coelho, 2024, p. 174).

Goethe nunca se autoproclamou filósofo, embora tenha exercitado o pensamento filosófico em seus escritos naturalistas, absorvendo profundamente a filosofia. Foi profundamente influenciado por Kant e Spinoza, dedicando seus maiores esforços à compreensão filosófica. Spinoza foi particularmente significativo para Goethe, cujos ideais naturalistas refletiam diretamente a concepção do filósofo, influenciando substancialmente sua cosmovisão e espiritualidade. Da mesma forma, Kant ocupou Goethe, que via possibilidade de conjugar suas ideias com sua visão científica do mundo, embora a filosofia kantiana não se encontre de maneira significativa em seus escritos. Analisando sua obra como um todo, nota-se que o gênio alemão incorporava ambigualmente em sua visão artística e científica um naturalismo que servia como canal para suas ideias, não apenas orientando-as, mas transcendendo-as. O naturalismo de Goethe - se assim podemos chamá-lo - é um naturalismo místico e poético que abrange sua compreensão das diversas atividades do espírito humano. “No caso de Goethe, particularmente, um ecletismo insaciável buscava também conexões com a alquimia, a cabala e o neoplatonismo. O seu era um naturalismo de poeta, não de geômetra.” (Coelho, 2024, p. 178).

A obra célebre *Os Sofrimentos do Jovem Werther* constitui o romance paradigmático de Goethe, onde se encontra a gênese substancial do movimento romântico. A obra do poeta alemão causou um impacto artístico-cultural marcante, sendo Werther não apenas uma criação literária, mas a projeção de seu criador, Coelho (2024, p.196) exemplifica que: “A peça do jovem ferido por sua primeira decepção amorosa tem óbvios contornos autobiográficos, o que contribuiu para acentuar a curiosidade de parte do público sobre o autor.”

No século XVIII, o Sturm und Drang, como epicentro pré-romântico, iniciou a reviravolta artística na Alemanha que culminaria no Romantismo, transformando o “fazer arte” em toda a humanidade. Colocando como cerne do movimento o ser humano sob uma ótica não mais racionalista e instrumentalizada, mas sim sob a perspectiva dos sentimentos, esta revolução artística surgiu em oposição direta ao Iluminismo, sendo Werther fruto desse movimento vanguardista. O romance que descreve a paixão de um jovem que do alto de seus anseios de liberdade e rebeldia se vê defronte com a impossibilidade do amor proibido, Werther vivência então uma profunda angústia em resposta ao amor que não foi correspondido o desamparo vivido e toda essa paixão ardente que não encontra Charlotte Buff, objeto de seu desejo. Diante dessa impossibilidade ele decide tirar a própria vida, pois a ideia de viver sem Charlotte lhe era pior que a morte.

A princípio, o romance nos parece inofensivo -em sua busca pelo contato com a natureza e as maravilhas de sua liberdade, Werther é conduzido pelas dores do amor proibido ao se apaixonar perdidamente por Carlota. Mas a “obra imoral” (BACKES, 2010, p. 5) conduzida magistralmente por Goethe não abateu toda uma geração por acaso. A fúria do jovem burguês é breve e implacável, pois assim se consolida o espírito livre do homem moderno, disposto a se afirmar no mundo ainda que por meio da morte, na recusa de uma vida de privações e infelicidade (PERUQUETTI; CAMPOS; BARCELLOS, 2020, p. 82).

A obra reflete diretamente o caráter desta jovem vanguarda pré-romântica, colocando no centro a perspectiva humana antagônica ao Iluminismo - a paixão juvenil, o sentimentalismo, o enfoque nas emoções humanas em detrimento da racionalidade exacerbada que floresce no movimento iluminista.

Os Sofrimentos do Jovem Werther do Grande poeta alemão, tornou-se um marco fundador da sensibilidade romântica, sendo frequentemente apontado como uma das obras que melhor condensam o espírito e os ideais do movimento. O romance não apenas narra um drama amoroso, mas simboliza um manifesto literário contra o racionalismo exacerbado e o mecanicismo herdados do Iluminismo, ao colocar no centro da narrativa a exaltação da emoção, da subjetividade e da experiência individual como motores da existência. A história de Werther e Charlotte, construída com intensidade lírica e introspectiva e naturalista em um certo sentido apresenta um protagonista que vive cada sentimento em sua forma mais absoluta, Essa espécie de radicalismo sentimental, que coloca a emoção acima da razão, cristaliza e torna o romance uma verdadeira condensação dos ideais românticos. Goethe explora magistralmente o subjetivismo, a idealização amorosa e a valorização da natureza como espelho das emoções humanas, estabelecendo uma linguagem literária que refletirá não apenas o movimento Sturm und Drang, mas também todo o Romantismo de uma forma geral.

O impacto cultural foi tão intenso que originou o chamado O “Efeito de Werther” (PERUQUETTI; CAMPOS; BARCELLOS, 2020, apud ALMEIDA, 2000). Uma onda de profunda identificação entre leitores jovens, que viam em Werther um reflexo fiel de seus próprios dilemas e frustrações existenciais. Pela natureza intimista da obra, muitos leitores sentiram-se não apenas representados, mas também encorajados a suas paixões com a mesma intensidade trágica. Esse fenômeno, registrado em diversos relatos da época, teve consequências dramáticas que, inspirados pelo destino de Werther, muitos jovens reproduziram seu gesto final. Mais do que um simples romance, Os Sofrimentos do Jovem Werther tornou-se um símbolo do movimento. Essa combinação de lirismo extremo, crítica cultural e força emocional consolidou a obra como uma das expressões máximas do romantismo nascente e como um marco incontornável.

“O homem é tanto razão quanto emoção” Sturm und Drang foi sobretudo um movimento vanguardista de ruptura com o modelo classicista vigente, abrindo caminho para a afirmação de uma identidade artística alemã original e profundamente influente. Seus precursores, particularmente Goethe, concebiam esse sentimentalismo como a maior expressão humana, buscando a completude através da natureza e do misticismo para abarcar a totalidade do ser em sua relação com o mundo em contraste com a compreensão racionalista da totalidade característica do Iluminismo.

Vemos que a ânsia de liberdade burguesa acabou por repercutir na arte, encontrando nela uma forma de expressão e concretização desse espírito libertário. Podemos dizer que o movimento visa a expressão dos sentidos, das emoções, das paixões, ou seja, os artistas acreditavam serem essas as maiores virtudes do homem e, assim, tinham como inspiração e modelo de realização a própria criação divina (PERUQUETTI; CAMPOS; BARCELLOS, 2020, p. 84).

Neste contexto, conclui-se que o Sturm und Drang - e sobretudo Goethe com Werther, sua célebre obra - foram cruciais para o desenvolvimento do Romantismo como afirma Coelho (2024, p. 195) “Ainda hoje, a obra de 1774 está entre as mais associadas ao homem que viveu cinquenta e oito anos depois dela. Como o próprio autor reconheceria, trata-se de um manifesto típico do Sturm und Drang. Ao lado de Os bandoleiros, de Schiller, o Werther é considerado a quintessência do movimento.”

A interiorização que incorpora o naturalismo para avançar em direção à liberdade através do sentimentalismo e da subjetividade lançou ao mundo uma tendência literária e filosófica inédita, que reverberou globalmente e influenciou decisivamente o surgimento do movimento romântico na França. Este foi profundamente marcado por Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein (ou simplesmente Madame de Staël), uma das principais vozes vanguardistas do Romantismo francês, onde floresceu Victor Hugo, que transformou o movimento incorporando o caráter da juventude artística de seu tempo.

## **2.3 CHATEAUBRIAND, STAËL E VICTOR HUGO: A RENOVAÇÃO LITERÁRIA FRANCESA.**

No século XIX, a França atravessava um contexto político e governamental conturbado, que influenciava diretamente sua produção artística e intelectual. Esse período exigia uma renovação de ideias - novas e rebeldes - em oposição ao modelo classicista rígido e conservador então vigente. A transformação ocorreu sob profunda influência da cultura alemã, sendo Madame de Staël uma figura incontornável para o desenvolvimento do Romantismo francês. Staël viu seu espírito criativo e revolucionário florescer durante o exílio, quando voltou sua atenção para a cultura alemã. Seu contato direto com os românticos de Jena moldou seu pensamento e criação artística, alimentando tanto uma rejeição aos valores de sua pátria quanto a adoção de um caminho que melhor expressava seus ideais. Em sua obra fundamental *De l'Allemagne*, Staël compôs uma verdadeira ode ao sentimentalismo germânico, que valorizava o espírito humano, ao mesmo tempo que criticava asperamente o caráter mecanicista e rígido que a França havia assumido nos campos artístico e filosófico.

Caracterizado pela gradual e inexorável ascensão da Alemanha, o protagonismo científico e cultural, ainda que a grande metrópole continue a ser Paris, o primeiro quarto do século XIX foi visto por muitos como de decadência do espírito francês em face do lustro e do gênio dos alemães. Staël representava e contribuiu imensamente para a popularização dessa percepção. Polímata, Germanine conhecia tão bem a economia quanto os clássicos; a poesia quanto a política (teórica e prática), e tinha gosto pela filosofia e pelas ciências. Casada, a intelectual suíça recebe do marido o sobrenome Staël, pelo qual se tornará conhecida. Equilibrando a frieza da análise sociopolítica à delicadeza poética, percorrendo com facilidade a literatura e a filosofia do povo analisado, Staël sintetiza, no *De l'Allemagne*, a cultura germânica como ninguém havia feito, quiçá com qualquer outra cultura, até aquele momento. Além disso, o livro contém um programa implícito, de trazer à luz os degenerados franceses, cujas almas, segundo ela, teriam sido apodrecidas pelo materialismo e pelo sensualismo a ponto de não mais permitirem o florescimento da filosofia, das artes e, sobretudo, da religião (COELHO, 2024, p. 487).

O exílio representou, para Madame de Staël, não apenas um afastamento geográfico de sua pátria, mas um catalisador de amadurecimento intelectual, sensível e filosófico. Privada do ambiente parisiense que lhe era artisticamente limitado e politicamente restritivo dado ao contexto da época, ela encontrou na Alemanha um lugar que acolhia, incentivava e exaltava tanto sua veia artística quanto sua reflexão filosófica. Nesse novo cenário cultural, marcado por uma intensa valorização da espiritualidade, do sentimentalismo, do idealismo e naturalista, Staël pôde confrontar de forma ainda mais aguda o descontentamento que nutria em relação à produção literária e intelectual francesa. Na Alemanha, Staël não apenas observou, mas mergulhou na cultura germânica, e sob a luz de influências de pensadores como Goethe, Fichte e Schiller, nutriu-se ainda mais da estética romântica nascente, que colocava a emoção e a subjetividade no centro da criação artística e não obstante resultou em sua célebre obra.

Assim, o exílio, longe de representar um hiato em sua trajetória, serviu como um terreno fértil onde suas ideias mais maduras germinaram, permitindo-lhe consolidar um pensamento que unia a dimensão artística, filosófica em um mesmo impulso transformador. É nesse sentido que sua vivência na Alemanha se torna um momento decisivo para compreender a profundidade e a amplitude de seu legado intelectual que influenciou diretamente no nascimento do Romantismo Francês.

"[...] O exílio passa de mero estado político para uma condição presente capaz de traduzir, em um movimento pendular, a revolta e melancolia corrosivas. O desterro é então sentido muito mais como uma condição metafísica, tendo no Romantismo uma forma de movimentação que transpassa a cultura e toca nos costumes e no pensar; na aceitação da arte como expressão do infinito, a união dos componentes que formam a percepção humana – o belo, o grotesco, a imaginação, a genialidade... – conduzem em direção a formação daquilo que se pode, idealmente, traduzir como sublime" (LOPES, 2024, p. 5).

Madame de Staël emergiu como figura central na formação de uma nova gênese literária francesa, contrapondo-se ao modelo vigente. Contudo, sua atuação não foi isolada. Como bem sintetiza Bénac (2013, p.8): "[...] à era da liberdade e da revolução deve corresponder uma literatura que seja um progresso sobre o classicismo e se liberte de suas regras". Em contraste com Staël, François-René, Visconde de Chateaubriand, propunha uma transformação por outra via - não através da ruptura revolucionária, mas mediante o resgate religioso e a restauração espiritual, o que igualmente o aproximou dos ideais românticos alemães em sua crítica ao racionalismo (BÉNAC, 2013).

Seja pelo lado revolucionário com espírito de liberdade ou pelo lado da espiritualidade o fato é que esses esforços que trazem para dentro da França a influência de uma cultura germânica que moldou o pensamento dos jovens românticos franceses que face a um classicismo vigente romperam a duras penas e instauraram uma nova forma de modelo artístico-filosófico embrionado as aspirações de seu próprio povo que vivia um dilema político-social que naturalmente foram refletidas dentro dos ideais dos autores onde não seria modesta constatar que o mais célebre e importante filho desse movimento foi Victor-Marie Hugo. Tido como um dos [se não o maior dos] geniais escritores da pátria francesa, Hugo carrega em sua história não só uma vida ativa dentro do movimento que tanto o inspirou quanto foi inspirado em suas ideias e obras que sem dúvidas foram fundamentais para o romantismo na França que perpetuaram o valor social dentro do movimento o que, em contraponto do movimento romântico germanico, revelou-se uma dos principais características do movimento. No século XIX o romantismo francês estava diante de grandes transformações de ideais que advém do rompimento com os valores artísticos do classicismo, o movimento possuía diversas facetas e a que transforma a cara do movimento é a clara preocupação com o coletivo trazendo para dentro das manifestações artísticas poéticas a as inquietações da população.

Quanto às obras, em poesia, é em 1829, que acontece o êxito das Orientais de Hugo, a invenção da poesia intimista de Sainte-Beuve. Numerosos volumes de jovens poetas se declaram românticos, entre os quais se destacarão no ano seguinte os Contos da Espanha e da Itália, de Musset. No romance, as preocupações sociais de Victor Hugo se manifestam em O último Dia de um Condenado; Mérimée faz triunfar o gênero histórico com a Crônica do Reino de Carlos IX Já se ocupa com suas novelas, enquanto Balzac apresenta, com Os Chouans, sua primeira obra-prima. Mas é principalmente na cena que a nova literatura se impõe, sucessivamente com Enrique III e sua Corte, de Alexandre Dumas, em 1829; Otelo, de Shakespeare, que Vigny traduziu, e sobretudo, em 28 de fevereiro de 1830, Hernani, de Victor Hugo (BÉNAC, 2013, p. 8).

A França, assim como a gênese germânica do romantismo com o jovem e rebelde movimento *sturm und drang*, teve também dentro de sua manifestação artística o próprio desenvolvimento das preocupações que o movimento deveria abordar e surgiu naturalmente pela influência do contexto em que a juventude romântica se encontrava, as nuances que oscilavam entre o desvinculamento do classicismo e a necessidade de uma nova forma de expressão artística, a influência dos autores alemães que como já demonstrado foi fundamental para o desabrochar do romantismo francês e o cenário político conturbado da França que entre os anseios de liberdade perante a um governo que virava as costas para os reais problemas da população foram responsáveis por produzir a forma única que os literatos constituíram conceitualmente dentro de suas próprias aspirações e originalidade o movimento romântico francês.

[...], A poesia é conhecimento, é penetração no sonho ou no fantástico, é decifrar os segredos do universo, ou também revolta contra este universo, é esforço para destruí-lo e substituí-lo pelo mundo da criação poética. Para os outros, os mais numerosos e os maiores, e sem dúvida os mais representativos da forma tipicamente francesa do Romantismo na poesia, o poema é expressão lírica das experiências do coração, sob uma forma que encontre um eco na alma dos outros homens porque o poeta se eleva a uma espécie de meditação a propósito das desgraças de sua existência ou dos acontecimentos da vida política e social. A forma preferida dessa poesia é a elegia, o poema épico, mas sobretudo o discurso, longa sucessão de alexandrinos que expõem os impulsos do coração ou o procedimento do pensamento em um estilo animado de arroubos líricos e coloridos de imagens. É nesse gênero que triunfam Lamartine, Musset e Victor Hugo, enquanto Vigny se conserva algo silencioso. Mas evidentemente cada poeta o põe no papel, de acordo com sua originalidade pessoal (BÉNAC, 2013, p. 8).

### 3. VICTOR HUGO E A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO ROMÂNTICO EM OS MISERÁVEIS.

Victor Hugo assim como Chateaubriand e poucos outros literatos viveram dentro do cenário francês uma vida ativa no âmbito da política (Freitas, 1986). Hugo porém teve uma trajetória singular no que diz respeito a sua construção pessoal como autor e persona política no sentido em que transitou de forma a reorganizar os seus conceitos e ideais políticos e morais entre dois pólos de ideias ora mais liberal ora mais revolucionário que se manifestavam através de suas obras literárias, Hugo demonstrava a adaptar-se ao início de sua carreira ao lado mais das diversas formas de governo da França no século XIX onde estava ao lado de uma monarquia autoritária, o que não se sustentou ao decorrer de sua vida e cada vez mais foi dando espaço às suas ideias de maior liberalismo (Freitas, 1986).

Assim como a França, Victor Hugo estava defronte a uma passagem de um momento político controverso e repleto de reviravoltas, onde grandes conflitos eram travados, como a dinastia Bourbons e a monarquia julho, além de o reflexo deixado pela revolução francesa e o processo que se sucedeu com as guerras napoleônicas. Todo esse conjunto de acontecimentos moldaram os ideais e o contexto da França e evidentemente de Hugo que, assim como sua pátria sofreu mudanças fundamentais ao longo de todos esses acontecimentos em suas convicções morais e políticas o que deságua diretamente na incongruência de seus ideais que foram se formando nesse campo nebuloso junto a pátria francesa. Freitas exemplifica que:

Há porém quem o justifique: numa época em que a República apenas nascia na França, confusões políticas se multiplicavam, diferentes regimes se sucediam, e tanto sangue se derramava em nome das mais diversas ideologias, não seria de se estranhar que tanto tempo tivesse sido necessário ao poeta para fundar com coesão suas convicções; sua incoerência política teria sido simplesmente a incoerência política do próprio século; sua carreira literária teria sido apenas perturbada por todas as paixões, como o foi também o panorama literário da época. Há enfim aqueles que o defendem com vigor: as

sucessivas mutações representariam, na verdade, uma evolução na sua busca cada vez maior de liberalismo, já que não apoiou — e nem mesmo suportou\* forçando-se ao exílio — a única mudança verdadeiramente autoritária, o Segundo Império, estando sempre a favor da liberdade e contra a tirania — o que bem reflete sua obra, que vai do mais puro conservadorismo aos mais republicanos anseios (FREITAS, 1986, p. 120).

Parafraçando Freitas (1986), “a participação de Victor Hugo na História, porém, se deu quase exclusivamente através da palavra, oral ou escrita. Nada mais natural: para um poeta, para um escritor, a palavra pode ser um meio de ação”. Nesse sentido, pode-se afirmar que a vida e a obra de Victor Hugo foram articuladas, sobretudo, por meio da literatura, especialmente de seus romances, os quais concentram seus principais feitos literários. Títulos como *O Último Dia de um Condenado*, *Notre-Dame de Paris* e *Os Miseráveis* não apenas consagraram o autor como um dos grandes nomes da literatura francesa do século XIX, mas também revelaram sua expressiva preocupação com as questões sociais de sua época. Através dessas obras, Hugo exerceu papel relevante como crítico das injustiças sociais e intérprete sensível das contradições humanas, contribuindo para debates que transcenderam o contexto francês e alcançaram repercussão internacional. Nesse contexto do século XIX, evidentemente o romance também encontra no romantismo uma forma singular de se manifestar através do brilhantismo dos autores. Mesmo que ainda mantenha o modo tradicional dos romances, agora também o faz dando lugar ao sentimentalismo e à valorização do subjetivismo humano, além de outras particularidades que caracterizam a forma francesa.

No romance o Romantismo também encontrou, entre 1830 e 1840, uma forma original, e daí em diante tipicamente francesa, que resulta da combinação de diversos elementos que se encontram, em graus diferentes, em todas as obras romanesca do tempo. O gosto tradicional pelo romance de análise psicológica permanece, mas, dali para o futuro, a nova tendência é de falar do “eu” e de seus sentimentos, o que introduz um elemento lírico ou autobiográfico importante. Ao mesmo tempo, isto é novo o gosto da influência de Walter Scott e de Chateaubriand, o romance se torna mais ou menos histórico. Além disso, ele se começa por seguidamente em narrar aventuras extraordinárias, e evocar a vida das grandes cidades ou em dirigir-se à imaginação do povo. O romance também quer ser uma lição, exprimir mais ou menos nitidamente uma tese. Enfim, desapareceu a distinção dos gêneros, de ciência e de poesia, quer se trate de visões épicas, de “arroubos” líricos ou de evocações do passado. Mas também cada escritor tem seu caráter particular: Charles Nodier se deleita com o feérico; Eugène Sue, com as aventuras urbanas, policiais e populares; Alexandre Dumas, com a intriga histórica; Sainte-Beuve, com introspecção; Hugo, poeta e historiador do passado em *Notre Dame de Paris*, produz a epopeia moderna dos *Misérables*, visões líricas sociais [...] (BENÁC, 2013, p. 17).

Dessa forma observa-se que a obra célebre de Victor Hugo, *Os Miseráveis*, representa a expressão máxima e mais amadurecida da manifestação do romance à luz do movimento romântico. Trata-se de uma narrativa que cabe a análise de seus múltiplos aspectos artísticos, filosóficos, sociais e espirituais, todos profundamente entrelaçados à trajetória pessoal do autor e aos seus ideais. Ao construir o enredo de uma “epopéia moderna”, Hugo propõe uma reflexão contundente sobre a sociedade francesa do século XIX, por meio da perspectiva de um ex-condenado e daqueles que o cercam. Essa narrativa revela a sensibilidade do autor diante das injustiças sociais e de temas universais. Ainda que inserida em um contexto histórico específico, a obra transcende sua época ao tratar de questões fundamentais da condição humana, demonstrando a atualidade e a universalidade de seus valores e propostas. Benác (2013, p. 17) evidencia que: “[...] Os grandes poetas românticos permanecem fiéis à sua inspiração e, pode-se dizer, que é justamente bem depois de 1840, que desabrocharão as mais belas flores do Romantismo, senão no romance, com *Os*

*Miseráveis* de Victor Hugo, em 1862.” O que não é modéstia ressaltar toda essa grandeza, a obra é densamente preenchida por uma contextualização histórica que não só traz vida ao cenário francês narrado como também atinge juntamente a um nível subjetivo um grande nível de identificação da sociedade francesa. Hugo apresenta tanto concepções acerca da estética e aspectos culturais fazendo aos moldes do romantismo, e também não economiza na função social de seu romance onde toda a jornada narrada na obra uma incessante reflexão a respeito das mais importantes concepções sobre as dualidades humanas refletidas em sociedade como: o bem e o mal, o justo e o injusto a prática do perdão entre outras. E Victor Hugo executa de forma destoante a perspectiva do senso comum ao colocar o holofote na jornada de um representante das mazelas da sociedade em uma busca incessante por uma santificação.

### 3.1 CONCEPÇÕES ACERCA DA MORAL E DA JUSTIÇA EM OS MISERÁVEIS.

A narrativa de *Os Miseráveis* tem início com um crime cometido por Jean Valjean, motivado pela necessidade extrema de alimentar os filhos de sua irmã. Ao roubar um pedaço de pão, Valjean é duramente punido por um sistema judicial inflexível, sendo condenado inicialmente a cinco anos de trabalhos forçados, pena que, por tentativas de fuga, estende-se por dezenove anos. Um delito movido por compaixão e desespero, mas tratado com extrema severidade, evidenciando uma crítica explícita de Victor Hugo à rigidez das instituições jurídicas e carcerárias da época. A partir de sua libertação, Valjean é marcado por um passaporte amarelo, símbolo de sua condição de “ex-forçado”, o que o transforma em uma abominação para a sociedade e em um alvo do Estado. Nesse contexto, surge o inspetor Javert, figura que representa a aplicação implacável da lei. Sua obsessão por capturar Valjean revela não apenas a desumanização causada por um regimento da justiça formalizada, mas também o conflito entre o cumprimento cego da lei e a possibilidade de redenção moral. Hugo, assim, constrói uma dualidade entre legalidade e humanidade, questionando os limites da punição e do perdão. À medida que a narrativa avança, outros personagens fundamentais surgem, contribuindo para moldar o percurso de Jean Valjean, seja por meio de ações altruístas, como as do bispo Bienvenu, seja por meio da mesquinhez, corrupção e egoísmo, como exemplificado pelos Thénardier. Galvão relata que:

Entre os bons figura em primeiro lugar o Bispo Myriel, que dá a Jean Valjean, que saiu da prisão e passa fome, uma chance, mentindo à polícia para protegê-lo, mesmo tendo sido por ele roubado. Esse ato de caridade vai transformar todo o futuro de Jean Valjean. Mais tarde vamos encontrá-lo prefeito de uma pequena cidade, cidadão virtuoso e atento aos pobres, empresário modesto que dá trabalho aos necessitados. Entre os maus sobressaem Thénardier e sua família, simbolizando o pobre corrupto, ou que foi corrompido pela pobreza, que sobrevive explorando e exercendo seu sadismo sobre pobres desamparados, como Cosette, que mais tarde se tornará filha adotiva de Jean Valjean. Cosette vai formar com Marius, bondoso e sério, o casal romântico (GALVÃO, 2018, p. 33 - 34).

Diante da premissa colocada, Hugo consegue sintetizar de forma brilhante e profunda as diversas facetas dos problemas sociais da narrativa o que é, evidentemente, o maior propósito da obra. Ao inverter a ordem do que habitualmente é descrito como bom e mal ele coloca o leitor defronte a um debate moral que leva a refletir sobre as concepções da sociedade que já estão pré-estabelecidas. Galvão (2018 p.34) menciona que: “Este, em grossos traços, é o trecho de *Os miseráveis*. Mas talvez o trecho não seja o mais importante, e sim o sopro humanitário que percorre todo o romance.” Hugo trabalha as concepções humanas acerca da justiça moral em evidência e faz de forma a refletir de forma profunda nos personagens iniciais e que se estendem para além no decorrer da jornada de Jean Valjean. O bispo Myriel pode ser interpretado como representando o lado benigno da humanidade, onde ele exprime a caridade e compaixão verdadeira. Intercedendo por Valjean concedeu esperança e um novo sentido à vida do ex-forçado. Hugo orquestra de forma profunda sensibilidade o lado do espírito bondoso humano, a presença de Myriel se torna transformadora e transcendente constituindo não só os os valores sociais de Valjean no sentido em que concedeu abrigo, comida, o livrou da perseguição da polícia e lhe concedeu alguma fortuna, como também constitui um valor moral, tendo clemência de um homem embrutecido pelo descaso social e dureza da justiça. No início da primeira parte do livro é narrado o caso do jovem Gervais, Valjean em um grave dilema moral interno e de consciência atordoada acaba por furtar o garoto ato esse que acaba por causar uma crise identitária ao homem

que jurou ser bom e o seu passado abrutalhado. Essa passagem marca o início da transformação de Valjean em um homem virtuoso ajudada pela compaixão de Myriel. Hugo escreve que:

A essa celeste indulgência, ele opunha o orgulho, que é em nós como uma fortaleza do mal. Sentia confusamente que o perdão daquele padre era o maior assalto e o mais pavoroso ataque que já o havia abalado; que seu endurecimento seria definitivo se resistisse àquela clemência; que, se cedesse, teria de renunciar ao ódio, que o agradava, e com o qual as ações dos outros homens vinham saturando sua alma ao longo de muitos anos; que, desta vez, era vencer ou ser vencido, e que uma luta, colossal e definitiva, estava começando, entre a sua perversidade e a bondade daquele homem. (HUGO, 1862, p.150).

Em uma análise objetiva Victor Hugo representa na obra o arquétipo do indivíduo em detrimento ao coletivo e a relação causal que um exerce sobre o outro. O sufocamento social imposto de forma dura por uma sociedade consumida pela miséria e avareza moral que gera frutos corrompidos por suas raízes venenosas baseadas na formalização de uma legalidade idealizada e engessada que, ignora as camadas mais profundas da sociedade legando a elas uma vida de subsistência transformando os indivíduos refêns de suas mazelas. Em contrapartida é apresentado como forma de esperança a virtude da bondade humana e a possibilidade de uma redenção, uma segunda chance da ascensão do espírito humano escarnecido. A jornada do herói de Jean Valjean é um caminho percorrido em busca de uma transformação ontológica transcendental. O indivíduo que foi moldado na maldade pelas instituições e pela miséria, se liberta dessas amarras e consegue superar através da compaixão e da benevolência.

Em paralelo com o trecho principal a obra conduz o leitor a por um percurso repleto de muitas digressões históricas como a batalha em Waterloo que levam a reflexões profundas contribuindo assim para o enredo principal enriquecendo a obra revelando a clara preocupação e de Hugo em descrever o contexto da época e provocando, em certo sentido, pensamentos críticos aos seus leitores. Galvão exemplifica que a prática do autor é fruto direto de seu gênio.

Se aquilatarmos como essas digressões interferem no trecho, concluiremos que Victor Hugo não resiste, dado seu perfil, a fornecer o quadro histórico a cada passo. Mas justamente esse afã de historiador faz o leitor compreender melhor a trajetória do protagonista –porque o que se passa com ele não é apenas da ordem da ficção mas está profundamente imbricado na História com H maiúsculo, e na história da França em particular (GALVÃO, 2018, p. 39).

### 3.2 LEGADO DA INFLUÊNCIA HISTÓRICA.

Os Miseráveis está profundamente entrelaçado aos acontecimentos históricos da França, especialmente no século XIX. Isso se reflete, primeiramente, na própria forma do romance, que emana do romantismo francês e carrega também o sentimentalismo patriótico de Victor Hugo. Diante do contexto conturbado da história francesa, marcada por sucessivas alternâncias entre dominação e liberdade, a obra se constrói como uma resposta às tensões sociais, morais e políticas do período.

O marco da Revolução Francesa, por exemplo, significou a ascensão do povo contra o absolutismo monárquico, resultando na queda da coroa e na afirmação, ainda que extrema e tumultuada, da liberdade do povo. Essa revolução legou uma herança simbólica duradoura, influenciando profundamente os artistas das gerações seguintes - mesmo aqueles que não a vivenciaram diretamente. Como aponta Galvão: “A mesma experiência das guerras napoleônicas é crucial para a geração pós-revolucionária de escritores, que não viveu a Revolução Francesa mas chegou à maioridade em seguida. [...] já passou a Revolução, já passou Waterloo, já se instalou a Restauração. Mas a Revolução ainda é o evento determinante do enredo” (GALVÃO, 2018, p. 38).

Dentre as principais digressões presentes em Os Miseráveis, destacam-se duas de evidente importância para a compreensão da relação entre a narrativa e o contexto histórico francês. A primeira - e mais extensa - é a passagem sobre a Batalha de Waterloo. A batalha onde ocorreu a queda da revolução revela o

peso da representação dos males causados durante e posterior ao embate, onde não só houve a derrota política como também social e simbólica do espírito das virtudes humanas. Ao fim dessa passagem onde a guerra já se encerrou e os corpos daqueles que batalharam em nome de um ideal libertario encontram-se reduzidos ao silêncio da morte no sangrento campo da guerra, é apresentado um dos principais antagonistas da obra, o senhor thénardier, descrito como um oportunista vagando por entre os homens já derrotados e usurpando o que lhe restaram. Protagonizando o agouro da simbologia da guerra e de seus males, o personagem representa a personificação do que há de mais vil, indiferente escárnio do individualismo e da mesquinhez perante a motivação de um povo, uma corrupção moral em um eminente tempo de crise.

Não somos daqueles que lisonjeiam a guerra; quando uma oportunidade se apresenta, dizemos a ela suas verdades. A guerra tem medonhas belezas que não temos ocultado, mas, convenhamos, tem também feios aspectos. Um dos mais surpreendentes é a prontidão no despojar dos mortos após a vitória. A aurora que se segue a uma batalha sempre mostra cadáveres nus (HUGO, 1862, p. 396).

As chamadas barricadas configuram o segundo grande recorte histórico da obra - uma parte crucial que se apresenta quase como um contraponto ao momento da batalha de Waterloo. O ápice da revolta popular e dos ideais revolucionários na Paris de 1832 revela o levante de um povo sufocado pela miséria contra a monarquia. Victor Hugo vivenciou eventos semelhantes e foi ativamente contrário às tentativas de interromper a república - o que lhe forneceu um arcabouço para explorar temas como justiça social, sacrifício e esperança.

A Monarquia de Julho e os motins populares de 1830 a 1832 fornecem explicitamente o enredo de *Os miseráveis*. Mas Victor Hugo participou de 1848, revolução sobre a qual escreveu muitas coisas, e também de 1851, quando do golpe de estado de Luís Bonaparte. E é bem depois disso que surge *Os miseráveis*, que sairia em 1862: já imbuído, portanto, dessa tremenda experiência, quando o escritor testemunhou pessoalmente o potencial criador das energias plebeias mas também viu as forças da ordem massacrando o povo nas ruas. E a barricada que elege como paradigma é uma das muitas de 1848, com sua data registrada no texto (Galvão, 2018, p. 38).

Victor Hugo narra acontecimentos que, no contexto da obra, culminam no desfecho da narrativa principal e conduzem o leitor ao clímax. Tanto a motivação quanto o desenrolar do enredo revelam sua preocupação com o povo e com os direitos humanos. O que se inicia com a queda da liberdade na Batalha de Waterloo ressurgiu com a revolta de 1832, quando o povo insiste em renascer diante da opressão. Nas palavras do autor: "O que há de maior e o que há de mais ínfimo; [...] Os que cada dia pedem seu pão ao acaso e não ao trabalho, os desconhecidos da miséria e do nada, os braços nus, os pés descalços, esses pertencem à revolta" (HUGO, 1862). O personagem Gavroche é de extrema importância para o contexto desse trecho da narrativa e para a simbologia da revolução jovem e pura de um povo. Criança astuta, marginalizada e sobrevivente da miséria, ele encarna uma infância negada pela sociedade. Gavroche representa a vontade de liberdade juvenil e impetuosa, movida por um instinto natural de justiça. Sua morte simboliza a culminância do olhar social de Victor Hugo: sua figura condensa o abandono da infância pobre, a resistência silenciosa dos marginalizados e o heroísmo anônimo do povo. Ao cair sob balas enquanto recolhe munição - não como um soldado, mas como um menino que canta -, ele se torna mártir da revolução e vítima da indiferença de uma sociedade desigual.

Em tempo: é dessa época (1833) o célebre quadro do pintor francês Delacroix, "A liberdade guiando o povo", hoje no Louvre. No centro da tela a óleo de vastas dimensões, uma mulher portando o barrete frígio — alegoria da Revolução — galga a barricada juncada de mortos, empunhando numa das mãos um fuzil com baioneta calada e na outra a bandeira tricolor. Essa é a bandeira criada pela Revolução, extirpadas as insígnias da realeza, e que se tornaria a bandeira nacional. Ao lado dela, um menino avança, uma

pistola em cada mão. Nada nos impede de pensar que seja um “retrato de Gavroche”, que Victor Hugo homenagearia em seu romance (GALVÃO, 2018, p. 40 - 41).

Analisando ambos os recortes históricos da guerra de Waterloo e da revolução de 1832 conclui-se que, Victor Hugo ao descrever essas narrativas em *Os Miseráveis* imbuíu sua obra à luz dos ideais da revolução de da vontade do povo, o descontentamento com o sistema vigente e a marcha em direção a liberdade são aspirações tão nítidas na obra quanto a realidade dura e implacável que corrompe a moralidade e sufoca as virtudes humanas.

### **3.3 FILOSOFIA, ROMANTISMO E OS MISERÁVEIS.**

A extensa obra de Victor Hugo é impregnada de concepções filosóficas, expostas tanto na narrativa principal quanto nas inúmeras digressões que compõem sua estrutura. A trajetória de Jean Valjean pode ser interpretada como uma autêntica jornada filosófico-existencialista: o personagem enfrenta um conflito moral profundo, travando uma luta constante entre o peso de seu passado e as possibilidades do presente. Essa dualidade existencial revela um processo de construção da liberdade individual. Valjean, moldado por uma vida marcada pela miséria e pela brutalização do cárcere, encontra em Monsenhor Myriel o ponto de inflexão. Ainda assim, a decisão pela mudança não pode ser imposta, no sentido que, ao final, o único que pode tomar essa decisão é o próprio indivíduo, o que representa a autodeterminação e a responsabilidade moral do sujeito. Ao optar por transformar-se, Valjean professa sua liberdade de um ser inteiramente responsável por sua própria existência.

Em contraste, o inspetor Javert representa o antagonismo dessa liberdade. Sua rigidez moral, calcada em um código jurídico absolutista e em uma fidelidade cega à ordem institucional, faz dele escravo de uma moral heterônoma. Ao final da obra revela sua incapacidade de lidar com a misericórdia e o perdão o leva ao colapso de seu próprio sistema de valores - o que resulta em sua trágica dissolução diante do gesto compassivo de Valjean. Nesse embate simbólico entre os dois personagens, Victor Hugo revela a tensão entre a justiça legal e a justiça moral, entre a obediência à norma e a consciência da realidade.

Essa dualidade moral e existencial é também expressão da sensibilidade romântica do autor. O romance do romantismo, sobretudo em sua vertente francesa, exalta a liberdade individual, o conflito interno, a valorização do sentimento e da subjetividade tal como valoriza o contexto histórico e a sensibilidade de uma preocupação social. Hugo, como figura central desse movimento, constrói sua narrativa como uma crítica ao ao desamparo do povo como também a normatividade da arte. O conceito de liberdade, portanto, não é apenas filosófico: é também político e poético. Ao inseri-lo no contexto histórico francês e da instabilidade social do século XIX, *Os Miseráveis* se torna um manifesto artístico a favor da dignidade humana, da justiça social e da esperança.

Contudo, é pertinente afirmar que a grandiosidade literária e filosófica de *Os Miseráveis* não pode ser limitada apenas ao recorte existencial ou moral. A dualidade ética e o conceito de liberdade, tão evidentes na obra, estão profundamente entrelaçados com os ideais do romantismo francês, movimento no qual Victor Hugo se destaca como uma das figuras centrais. Nesse sentido, *Os Miseráveis* ultrapassa os limites do romance tradicional e se consolida como um autêntico manifesto social-filosófico. Por isso, permanece como uma obra atemporal, cuja relevância se sustenta tanto pela força estética quanto pela profundidade crítica com que aborda as injustiças e contradições da condição humana.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise de *Os Miseráveis* sob a ótica filosófica e histórica revela a profundidade com que Victor Hugo abordou os dilemas da condição humana em um período de intensas transformações sociais e políticas. O autor, profundamente influenciado pelas correntes românticas e pelo contexto da França do século XIX, construiu uma obra que é ao mesmo tempo literária, filosófica e política. A figura de Jean Valjean representa a possibilidade de redenção moral diante de uma sociedade marcada pela rigidez legal e pela exclusão. Através da narrativa, Hugo propõe uma reflexão ética e existencial, na qual o indivíduo só se realiza plenamente quando se reconcilia com sua própria humanidade e com o outro. As digressões históricas inseridas na obra não apenas contextualizam os acontecimentos, mas reforçam a ideia de que o romance é também um documento crítico de

seu tempo. Assim, Os Miseráveis transcende seu valor literário, consolidando-se como um marco do romantismo francês e como um manifesto humanista, cujo legado permanece atual ao evidenciar as contradições sociais e morais que ainda atravessam as sociedades contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Natália; DE CAMPOS, Jaquelyne; PERUQUETTI, Rebeca. Os Sofrimentos do Jovem Werther: do Sturm und Drang à contemporaneidade. **Contingentia**, Porto Alegre, Brasil., v. 8, n. 2, p. 81–92, 2021.

BÉNAC, Henri. **O ROMANTISMO FRANCÊS**. Organon, Porto Alegre, v. 8, n. 8/9, 2013.

COELHO, Humberto Schubert. **Idealismo e Romantismo: Uma história geral das filosofias do saber e da liberdade**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2024.

FREITAS, Maria Teresa de. Literatura e História: O exemplo de Victor Hugo. **Língua e Literatura**, São Paulo, Brasil, v. 15, p. 119–135, 1986.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Os miseráveis e a causa do povo. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 27, p. 31–42, 2018.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

LOPES, Jonas. **A condição do Exílio: O belo e o sublime na música e na literatura romântica a partir de Frédéric Chopin e Madame de Staël.**, São Paulo, p. 1-10, 2024.